

A INFÂNCIA EM CRONOTOPOS: MIGRAÇÃO, TERRITÓRIOS E ENUNCIÇÃO INFANTIL

Marisol Barenco de Mello ¹

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF) – Brasil

Resumo

O presente texto pretende construir um estudo crítico sobre a autoria infantil, buscando compreender os processos de pensamento, linguagem e ação infantis em situações complexas no contexto escolar. Entendendo a partir das perspectivas histórico-culturais que o desenvolvimento humano acontece em processos sociais mediados por instrumentos e tomando a linguagem como ferramenta simbólica privilegiada, buscamos tanto tecer a crítica às teorias clássicas e contemporâneas sobre as infâncias e seus processos de desenvolvimento e construção de conhecimentos, quanto afirmar as dimensões estéticas e éticas como co-constitutivas dos processos cognitivos e epistêmicos. O trabalho afirma a necessidade de se tomar em conta, no estudo das infâncias e seus processos, as dimensões éticas e estéticas como co-constitutivas das demais dimensões historicamente consideradas, tanto no que diz respeito aos modelos teóricos assumidos, quanto no que concerne às ações dirigidas às crianças – o olhar do adulto sobre as ações infantis e as ações adultas daí decorrentes, propostas no trabalho com as crianças. Pensando na cultura como domínios discursivos territorializados, o artigo busca pensar as crianças e as infâncias como iminentemente desterritorializadoras, em suas autorias únicas e irrepetíveis.

Palavras-chave: Infâncias; Cronotopos; Territórios

Abstract

The present article seeks to construct a critical study on child authorship, seeking to understand the processes of children's thinking, language and action in complex situations in the school context. Understanding from the historical-cultural perspectives that human development happens in social processes mediated by instruments, and taking language as a privileged symbolic tool, we seek both to critique the classical and contemporary theories on childhood and its processes of development and construction of knowledge, and to affirm the aesthetic and ethical dimensions as co-constitutive of cognitive and epistemic processes. The work affirms the need to take into account, in the study of childhood and its processes, the ethical and aesthetic dimensions as co-constitutive of the other dimensions historically considered, both with respect to the theoretical models assumed, and with regard to actions aimed at children - the adult's look at children's actions and the resulting adult actions proposed in working with children. Thinking about culture as territorial discursive domains, the article seeks to think of children and childhood as imminently deterritorializing, in their unique and unrepeatable authorships.

Keywords: Childhood; Chronotopos; Territories

INTRODUÇÃO

O presente texto insere-se na trajetória que venho percorrendo como professora e pesquisadora interessada nos processos infantis de desenvolvimento e construção do conhecimento no contexto escolar. Preocupa-me, há bastante tempo, que as crianças e jovens das classes populares passem pela escola sem se beneficiarem das experiências que supostamente deveriam viver naquele contexto.

Ao contrário, percebo que esses sujeitos, suas culturas, seus modos de ser, pensar e agir são sistematicamente negados

e recusados pela escola, que incorpora, em seus discursos e práticas, a lógica hegemônica que Santos (2003) identifica como baseada na racionalidade instrumental. O que observamos é um confronto de lógicas em que todos saem perdendo. Não há vencedores, como diria Benjamin (1994), nesse desencontro. A escola e o modelo sócio-cultural que ela encarna perdem por não se beneficiarem das lógicas que historicamente foram subalternizadas e que poderiam representar alternativas ao esgotamento do seu modelo universalizado – baseado na ciência, tecnologia, inovação, tendo a racionalidade instrumental e certo pragmatismo como bases teóricas e epistemológicas. As classes populares perdem, por deixarem de usufruir das experiências que uma escola comprometida com o desenvolvimento humano e social poderia garantir. O mundo fica mais pobre e, a despeito disso, mais arrogante, a cada momento.

Em pesquisas anteriores, abordei essa problemática em algumas frentes de discussões teóricas e práticas. Inicialmente realizei um estudo sobre a racionalidade dos sujeitos não alfabetizados, na dissertação de Mestrado que teve como título *A multiplicidade das formas de ser racional: escrita e racionalidade*, de 1998, em que busquei traçar outras racionalidades além da escriturística, analisando tanto os sujeitos da pesquisa de Luria (1990) no Uzbequistão e Khirgizia, quanto colocando em diálogo as racionalidades de engenheiros florestais e produtores rurais, compreendendo as lógicas em ação e em relação.

A seguir, na continuidade dessa pesquisa, busquei compreender como as crianças, na relação com os conhecimentos do mundo veiculados pela cultura, pelos adultos, por outras crianças e no contexto escolar, construíam suas concepções espaciais. A tese de doutorado intitulada *A zona de amplificação cultural: um estudo sobre a cognição infantil situada em contexto escolar*, de 2003, registra os resultados dessa pesquisa, em que buscamos delinear as lógicas infantis em seu funcionamento microgenético, ou seja, como, nas relações pela/na cultura e linguagem, as crianças tecem seus conhecimentos e saberes, construindo conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmas pelos/nos contextos.

Em ambos os estudos, contrapomo-nos às lógicas universalizantes e buscamos fazer emergir as lógicas, as vozes, os saberes e a legitimidade epistêmica dos sujeitos que historicamente foram e são percebidos como *ausência*: crianças, sujeitos não alfabetizados, povos não ocidentais. Reclamamos um lugar no mundo – e a escola é um desses lugares – onde todos os sujeitos possam ter suas formas de ser, pensar e agir legitimadas e em diálogos mutuamente potencializadores.

Os trabalhos posteriores conferiram olhar crítico para a base teórica e epistemológica dos dois primeiros estudos acima citados. Tanto o estudo realizado no curso de Mestrado quanto o de Doutorado, ainda que em medidas diferentes, utilizaram-se da base teórica dos estudos do desenvolvimento, de fundamentação sócio-histórica – Vygotsky, Luria, Leontiev e pesquisadores contemporâneos dessa perspectiva – tanto no que concerne à crítica a essas teorias quanto na sua revitalização para pensar possibilidades teóricas. Além disso, os estudos de Bakhtin e seu Círculo se configuraram como lugar central de nossas pesquisas.

Nos estudos que vimos realizando desde 2004, assumimos um olhar para a infância e seus processos a partir das leituras de Brecht e Bakhtin. Na primeira pesquisa, que se desdobrou em algumas frentes de trabalho em contextos escolares, estudamos a contribuição teórica e artística de Bertolt Brecht, buscando diálogos e interfaces com o campo da educação. Nesse projeto, pudemos nos desviar da perspectiva cognitiva dos estudos do desenvolvimento e insinuamos uma compreensão da relação entre estética e conhecimento, a partir da teoria brechtiniana.

Yves de La Taille disse uma vez que reduzimos as relações aos seus componentes racionais porque tivemos, no ocaso da modernidade, a ilusão de que seriam mais facilmente manipuláveis os fatos e os dados da vida. Boaventura de Sousa Santos, em toda sua obra, nos mostra o preço dessa decisão: eliminamos dimensões da existência e, com elas, os povos e as culturas que têm suas formas de ser fundadas de modo diferente das nossas formas. Acredito que a estética, como dimensão

humana, foi de tal maneira alijada de nossas referências de pensamento, que é difícil até defini-la, portanto, urge inseri-la nas discussões do campo educativo.

No interior do Grupo Atos UFF, grupo que se propõe a compreender a teoria bakhtiniana e suas interfaces, criando e produzindo pesquisas em Educação nessa base teórica, vimos construindo uma perspectiva metodológica que busca garantir a manutenção das vozes dos sujeitos participantes dos processos no trabalho pedagógico, nos textos, na pesquisa e na vida. Como momento atual de produção científica, entendemos que as dimensões estéticas e éticas participam das dimensões epistêmicas e cognitivas como processos indissociáveis encarnados nos atos responsáveis dos sujeitos, em coletivos responsivos.

Em nossa maneira de compreender, é preciso, portanto, desenhar novos cenários para compreender o que a vida nos apresenta. Propomos a construção de planos espaço-temporais, que chamaremos cronotopos, a partir da leitura de Bakhtin, que, no nosso entendimento, poderá trazer a possibilidade da articulação das dimensões éticas, estéticas e cognitivas na compreensão dos processos de desenvolvimento infantis.

Estando essas observações em conformidade com os apontamentos tanto da teoria vigotskiana – especialmente nos aportes revelados pelas últimas traduções – quanto da teoria bakhtiniana, buscamos, então, formular algumas questões para pensar as formas infantis de dizer, de pensar, de agir e conhecer, em interações multietárias, no contexto escolar.

BAKHTIN, ENUNCIÇÃO E AUTORIAS INFANTIS

Temos, como principal fundamento, o conjunto dos estudos bakhtinianos, que engloba tanto os ensaios reunidos na *Estética da Criação Verbal*, quanto seus estudos sobre a teoria literária a partir das análises das obras de Rabelais e Dostoiévski. A *Filosofia da Linguagem de Bakhtin* é nossa principal base teórica, dela desdobrando-se as demais referências. Um ensaio em particular nos provoca ao desafio desse estudo: *Arte e*

Responsabilidade, que inicia com a seguinte proposição:

Chama-se mecânico ao todo se alguns de seus elementos estão unificados apenas no espaço e no tempo por uma relação externa e não os penetra a unidade interna do sentido. (...) Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. (BAKHTIN, 2011, pp. XXXIII)

O ensaio provoca o impacto da denúncia: de tal maneira estão dissociadas arte e vida, pela força ideológica que nos divorciou de nós mesmos, que é preciso um esforço de trabalho para conjurar essas dimensões. Bakhtin localiza na *responsabilidade*, como categoria teórica, a dimensão ética que reúne, na ação, arte e vida. Sua obra será a afirmação, em várias e diferenciadas abordagens, desse preceito que lhe custou a liberdade pessoal: pela/na linguagem, ética, estética e conhecimento articulam-se no ato responsável.

Bakhtin (2015), ao buscar compreender o romance de Dostoiévski enquanto polifônico, aponta, já no primeiro capítulo, algumas balizas. Na página 23 diz que a essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes (...) permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. Essa unidade superior, polifônica, consiste em uma vontade artística que seria a verdade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. Esse acontecimento, plano estético do autor, é o cronotopo em que as personagens enunciam. O próprio mundo exterior aparece no plano de contemplação da personagem como visão de mundo (*ibid.*, p. 25).

Bakhtin nos diz que a categoria fundamental da visão artística de Dostoiévski não é a de formação, mas a de coexistência e interação (*ibid.*, p. 31). Ao contrário de outras formas do romance que se desenvolvem no tempo, Dostoiévski

compõe o mundo no espaço.

Toda a matéria semântica que lhe era acessível e a matéria da realidade ele procurava organizar em um tempo sob a forma de confrontação dramática e procurava desenvolvê-las extensivamente. (...) Dostoiévski procura captar as etapas propriamente ditas em sua simultaneidade, confrontá-las e contrapô-las dramaticamente, e não estendê-las numa série em formação. Para ele, interpretar o mundo implica pensar todos os seus conteúdos como simultâneos, e atinar-lhes as inter-relações em um corte temporal (BAKHTIN, 2015, p. 31, grifos do autor).

Esse plano estético, sua percepção artística do mundo, Dostoiévski o faz pelo apreço estético da *simultaneidade*, como Bakhtin assinala, citando a pergunta que aquele faz a um correspondente, em 1867: “Você recebe algum jornal? Leia, pelo amor de Deus, não por uma questão de moda, mas para que a relação visível entre todos os assuntos gerais e particulares se torne cada vez mais forte e mais clara...” (GROSSMAN apud BAKHTIN, 2015, p. 33, nota de rodapé n. 1).

Nesse dom artístico de ver o mundo em coexistência e interação, a percepção na ótica do acontecimento de um dado momento permitia a Dostoiévski ver coisas múltiplas e diversas onde outros viam coisas únicas e semelhantes (*ibid.*, p. 34).

No corte temporal de um dado momento, os fenômenos podiam ser desenvolvidos em um plano como contíguos e contrários, consonantes, mas imiscíveis ou como irremediavelmente contraditórios, como harmonia eterna de vozes imiscíveis ou como discussão interminável e insolúvel entre elas (*ibid.*, p. 34). Vozes trazidas juntas em um plano estético, *cronotópico*, que não se misturam entre si nem se confundem com a voz do autor – o plano do autor é o plano da criação

desse cronotopo. Cada um em interação e diálogo em um plano equipolente, garantido pela enunciação de cada personagem como uma visão singular de mundo. Como Dostoiévski buscava o homem no homem, não há ideia ou pensamento que possa existir fora das enunciações concretas desses sujeitos humanos em relação e diálogo.

Essa análise bakhtiniana da visão artística de Dostoiévsky nos incita a pensar a possibilidade da criação de cronotopos em que as crianças, em seus processos na escola, possam ser compreendidas. Em conformidade com a base histórico-cultural que Bakhtin compartilha com Vigotski, podemos compreender, nesses cronotopos, a emergência social de mudanças nas formas infantis de dizer, pensar e agir, enunciadas como vivências, formas essas já notadas, em estudos anteriores, como multimodais (LOPES e MELLO, 2017).

INFÂNCIAS EM CRONOTOPOS: TERRITORIALIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E AUTORIAS

Como dissemos antes, assumimos a perspectiva bakhtiniana, que tem por base o entendimento de que todo o conjunto da cultura humana precisa ser compreendido a partir da vida, que compreende a arquitetônica da alteridade eu-outro. Em seu ensaio, de 1929, *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin afirma com força o amor como a categoria ética fundamental. Para ele, todas as formas com que a cultura oficial construiu a separação das esferas - alta cultura, cultura popular, elementos “altos”, elementos “baixos, incomunicáveis - desumanizaram os seres humanos, na medida em que construíram esses domínios à custa da abstração da vivência concreta, no mundo concreto da vida da cultura. Seu ensaio é um manifesto contra toda forma de abstração generalizante, que coloca no lugar do ser humano único e irrepetível, enunciador diante do outro, na vida, um “esqueleto nu de linhas e formas” (BAKHTIN, 2010). Ao contrário, é a partir “do lugar único que eu ocupo [que] se abre o acesso a todo o mundo na sua

unicidade, e para mim, somente deste lugar” (*ibid.*, p. 106).

Bakhtin afirma, em muitas páginas (não pretendo dar conta do documento aqui, é muito importante que se leia o original), que o ser humano em geral, esse do conhecimento teórico formal, esse que tem como verdadeiros somente seus momentos universais, esse das interpretações simbólicas e das séries indiferentes, impessoais, globalizantes e categoriais, não existe. Existe, na vida, um eu e existe um determinado e concreto outro, e, desse lugar arquitetônico, conheço, reconheço, inclusive o patrimônio cultural acumulado pela humanidade ao longo dos séculos. Tudo o que é o “contexto infinito do conhecimento teórico possível - o da ciência - deve, para minha unicidade participante, tornar-se algo de responsabilmente reconhecido” (*ibid.*, 108). Aprendemos, ao contrário, que contra esse conjunto teórico infinito e abstrato se contrapõe a pequena vida do ser humano singular. Bakhtin inverte a percepção, afirmando que somente encarnando o pensamento somos “realmente participantes do ser-evento a partir do nosso lugar único” (*ibid.*, p. 111).

O amor é a categoria fundamental, que funda meu real interesse desinteressado em cada ser humano, como único ser, irrepitível ser no mundo. Cada um é um infinito interno, criador e transformador do mundo, herdeiro da cultura toda e seu crítico, potencial e único transformador de toda a história. Criador. Diante dele, não posso ser indiferente, sob o preço da humilhação, da diminuição do humano no homem. Diante dele só posso ter uma atitude de escuta plena, de amorosidade pela humanidade toda que, somente dessa vez, se expressa e vive dessa forma. É desse lugar único e irrepitível do acontecimento da vida que as esferas da cultura ganham carne e sangue. Acontecimento que exige pelo menos dois seres humanos concretos, um diante do outro, em diálogo.

Bakhtin e seu Círculo (Volóchinov, Medvedev, dentre outros) compuseram, a muitas mãos, uma filosofia da linguagem que pode ser compreendida como uma filosofia da vida. Para essa, todo ser humano é enunciador por excelência, na vida (arquitetônica do ato) e na arte (criação cronotópica autoral).

Esse é o grande poder humano: enunciar, dizer sua palavra única, palavra essa sempre semialheia, povoada dos sentidos de todos os que enunciaram antes, na palavra. Para Bakhtin e seu Círculo, cada palavra está grávida de todos os sentidos que lutam em seu interior, como numa arena, e cada enunciado, único e irrepetível, na vida e diante de um outro, atualiza os sentidos todos do grande tempo da humanidade. Todo ser humano, pela e na linguagem, é potente, poderosamente criador. Enunciar é responder, responsabilmente, com toda a sua vida, de um modo único e irrepetível, em um gênero, a outro ser humano, que enuncia responsabilmente, sobre algum pedaço do mundo. Essa é a grande força e poder de cada ser humano, esteja onde estiver, dormindo debaixo de um papelão ou em um leito de ouro, abaixado colhendo batatas ou navegando no oceano virtual das bolsas de valores.

As forças, porém, que nos afastam desses poderes, são violentas. As classes dominantes e as esferas oficiais da cultura interessam-se justamente pela anulação desses poderes. Claro que uma massa indistinta e indiferente de seres são manipuláveis como objeto, ainda que objeto coletivo humano. A indiferença está na base de toda tentativa de enquadramento do humano único e irrepetível em categorias, em tipos, em grupamentos indistintos e impessoais. Toda palavra dirigida a um ser humano como categoria, e não em posição única de contrapalavra, de resposta responsável, é uma palavra-violência, uma palavra em ausência.

Sobre esse tema, Bakhtin se debruçou em apontamentos, nos anos 40 do século XX, em estudos que seriam, posteriormente, a base de sua leitura da obra de Dostoiévski. Esses apontamentos, também conhecidos com o título geral de “O homem ao espelho”, refletem sobre a violência da palavra dirigida a um outro, em sua ausência.

A palavra-violência pressupõe um objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde, não se dirige a ele, nem existe o seu consenso; é uma palavra em ausência.

O conteúdo da palavra sobre o objeto nunca coincide com o seu conteúdo para si mesmo. O conteúdo lhe dá uma definição com a qual ele nunca pode concordar, por princípio, interiormente. (BAKHTIN, 2018, p. 4)

Essa palavra-violência dirige-se não ao ser humano concreto e vivo, mas à representação de humano presente nas categorias que o conhecimento e a arte, muitas vezes, enquadraram o humano. Esse enquadramento tem que ver com um acabamento, um cercar da imagem ou da categoria, pelo lado do futuro, impedindo, dessa forma, o seu posterior e livre desenvolvimento. Toda definição encerra, termina, finaliza, prende o humano em uma imagem violenta, falsa, acabada de uma vez por todas. O humano, ao invés, é tudo aquilo que não se pode capturar em nenhuma imagem ou definição: o humano é o infinito interno inacabável. Bakhtin diz sobre a imagem em ausência, tentativa do sujeito dominante de enquadrar o outro:

O próprio objeto não participa na formação da própria imagem. A imagem, em relação ao próprio objeto, ou é um golpe de fora ou um dom de fora, mas um dom injustificado, falso e lisonjeador. (...) O caráter de ausência, por princípio, da imagem. A imagem encobre o objeto e, portanto, ignora a possibilidade da sua mudança, dele se tornar um outro. Na imagem não se encontram e não se unem as vozes do objeto e daquele que fala sobre ele. O objeto quer saltar fora de si mesmo e vive na fé no milagre de sua transformação repentina. A imagem o coage a coincidir consigo mesmo e o afunda no desespero do acabado e pronto. A imagem utiliza até o final todos os privilégios da sua posição

exotópica. Em primeiro plano estão a nuca, as orelhas, as costas do objeto. Essas são suas fronteiras. (BAKHTIN, 2018, p. 5)

Podemos dizer que esse conjunto de palavras-violência compõe, no limite, territórios discursivos, espaço-tempos que são ordens do discurso, com todos os elementos que tão bem Foucault analisou em sua aula inaugural ao Collège de France, em 1970. Quando nascemos, encontramos no mundo esses territórios, demarcados com o arame farpado desses elementos da ordem. Ainda que, ao longo da vida, vamos nos “qualificando” para participar dessa ordem, para adentrar esses territórios - o que são as instituições senão ordenanças? - uma coisa é geral: as crianças estão, per se, excluídas de todos os territórios discursivos, sujeitos que são da infância - *in fans*, sujeitos sem fala, sem discurso, sujeitos de quem se fala, mas que ainda não falam por si. Quero provocar a todos e todas nós aqui, afirmando que carecemos de uma ciência outra em que as crianças sejam, de fato, enunciadoras que, de frente a nós, respondem a nossos enunciados sobre elas. Com todos os riscos, assumo o lugar de quem faz a crítica a si e a todo o seu lugar, historicamente construído, que produz incessantemente saberes e conhecimentos sobre as crianças e suas infâncias, em ausência. É em ausência que nos dirigimos às crianças, como uma abstração genérica, falando, portanto, em suas costas.

Mas, como Michel de Certeau disse bem (e não me canso de lembrar), não se devem tomar os outros como tolos, à custa de os tolos sermos nós. Todo nascimento não é uma entrada no espaço-tempo somente, mas uma entrada desde as bordas enunciativas da vida, cronotopicamente, ou seja, nascemos como valor humano, discursivamente afirmados e afirmativos. Como humano, é como enunciadores que nascemos, conosco nasce uma nova palavra, uma palavra jamais dita antes: a nossa! Se assumimos que Bakhtin tem muita razão em suas afirmações, precisamos entender que não compreendemos, na verdade, como enunciam as crianças, e tomamos esse mal entendido como falta de sentido enunciativo. Se viver é este constante deslocamento em direção ao outro que

dou pela frente, na acontecimentalidade, se somos sempre ser-em-evento, então, precisamos olhar de novo para as crianças - as que nasceram há pouco e as que nasceram há muito, inclusive as que não vivem mais aqui - e perceber, nessas, o caráter dialógico, acontecimental e iminentemente enunciativo de suas formações, nas culturas. O que quero pensar aqui é que esses territórios são construções discursivas e, como tais, podem ser enunciados em outras bases. Mais que isso, quero propor uma ideia, a partir de uma exposição de arte que me fez pensar.

Trata-se de uma mostra de cartões postais, criados por artistas plásticos do mundo todo, incluindo alguns brasileiros, em que retratam aves migratórias. Migrations é o nome da instalação que, no mês de março de 2018, foi exibida na África do Sul. Numa alusão indireta, artística, aos fluxos migratórios nessa era de fechamento de fronteiras contemporânea, os postais trazem, na arte, aquilo que na vida não é possível de ser pensado, a partir da figura da ave migratória. Aqui temos dois postais, de dois brasileiros, Renata Bueno e Roger Mello:



Infância é alteridade migratória em voo livre. É preciso violência para detê-la. Isso ficou muito claro enquanto eu contemplava os trabalhos artísticos. Crianças não são sujeitos epistêmicos, mas são pessoas, meninos e meninas vivos, cronotopicamente situados no mundo, falantes que se inserem na vida da cultura em seus múltiplos gêneros discursivos, em suas múltiplas vivências concretas, em suas reais relações sociais, políticas e geohistóricas, como dissemos em outro texto (LOPES e MELLO, 2017).

Pensar nas crianças como aves migratórias confere a suas presenças, na vida e nas nossas práticas - de professora e de pesquisadora -, uma outra configuração. De migrantes refugiados ou em diáspora, percebê-las como aqueles seres humanos que as cercas farpadas não podem conter, pois, como aves as atravessam, pousam nelas, brincam com o perigo ali detido. Mas, mais que isso, coloca-nos diante das crianças concretas de nossas pesquisas de outro modo.

DUAS CRIANÇAS, DOIS DIÁLOGOS EM ACONTECIMENTO

Em 2016, ao estudar a noção de Cronotopo na obra de Bakhtin, estive na cidade mineira de Diamantina, centro escravagista no século XIX e de trabalho subalterno no início do século XX, relacionado à extração de minérios, principalmente diamantes.

A visita intensiva gerou um texto, *O Cronotopo da Cidade*, em que busquei escutar a cidade enquanto cronotopo, revelando tensões e relações humanas ainda inscritas/escritas na cidade como texto: relações de exploração dos seres humanos pelos seres humanos, relações de violência contra a humanidade, de apagamento subsequente do genocídio cometido, em nome do desenvolvimento econômico das elites. Relações ainda legíveis no cronotopo da cidade. No processo de leitura, encontrei crianças. Crianças narradas, fotografadas, crianças que ali viveram e cresceram, aprisionadas pela geografia e história da violência. Enquanto eu estava sentada do lado de

fora de uma pequena igreja do início do século XX, tentando respirar, dei de frente com a cena que registrei, na foto a seguir.



Ali, diante de mim, um menino pequeno, desconhecido, demorou-se aproximadamente meia hora a contemplar a cidade, de um ponto de vista que a expõe, toda, fora da arquitetônica urbana feita para aprisionar os corpos e, posteriormente, para apagar as marcas das violências cometidas aos corpos, bem como marcas deixadas pelos seres humanos que, sofrendo violências inimagináveis, inscreveram suas existências na matéria viva e cronotópica da cidade (v. MELLO, 2018). Na tangente daquele texto, daquele mundo, o que via o menino? Fiquei ali, com a imagem de sua nuca, de suas costas, compreendendo que não sei e nem saberei, até me dirigir a ele, dialogicamente. De frente ao menino, poderia a ele dirigir a palavra, mas, daqui, consigo apenas compreender que o menino vê, o menino lê, o menino enuncia uma cidade, ali daquele ponto único e irrepitível que não ousa interpretar.

No mesmo ano, iniciei a orientação de uma estudante de Mestrado, Angélica Duarte, que buscava afirmar a capacidade enunciativa das crianças pequenas, especialmente daquelas que ainda não construíram a linguagem, em sua forma convencionalmente entendida como oral/verbal. Em sua dissertação, defendida em 2018, nos demoramos na narrativa materializada na fotografia a seguir.



Trata-se da imagem fotografada por Angélica, enquanto professora-pesquisadora, de sua turma de crianças na Educação Infantil. Angélica vinha debruçando-se na história de Vinícius, que, na fotografia, aparece de costas, olhando para fora da janela. Em toda a dissertação, Angélica angustia-se pela falta de compreensão da ausência de Vinícius nas atividades: desde seu ingresso na Educação Infantil, ele passava seus dias ali na janela, com a mochila intocada a seu lado. O único momento de movimento de seu dia era na chegada do pai. Em vão, Angélica interpretou, pesquisou, se debateu sobre a total falta de comunicação de Vinícius.

Foi, porém, na fotografia, que se tornou possível compreender esteticamente o discurso da criança, recusando-se a estar naquele espaço-tempo. Ao se dirigir ao pai do menino, dialogicamente, o extra-verbal se revelou: Vinícius estava na escola por ordem do Conselho Tutelar, que o tirara das ruas onde trabalhava com seu pai, catador de papelão nas ruas de Niterói, estado do Rio de Janeiro. “Ele me guiava, nas ruas - disse o pai -, conhecia sempre as melhores direções para encontrar os papelões”. O sentido cotejado com o sentido ilumina a cena, em que Vinícius, de costas, enunciava: estava à espera, olhando tangencialmente pela janela, para a rua, lugar do pai, lugar onde era a criança na cultura. Que não se possa catar papelões na infância, essa ordem não alcança; sua vida não foi apartada nem da rua, nem do pai. Vinícius não se permitiu aprisionar nas grades da instituição feita para o bem-estar

infantil, mas escandiu a vida pelo seu olhar, ainda ele na rua e com seu pai.

Nós, daqui, também só podemos ver o menino de costas, pelas costas. Somos as defensoras do bem-estar infantil, ainda que à sua revelia. Vinícius nos diz, com sua ausência: não estarei aqui! Uma resposta responsiva à nossa palavra em ausência.

CONSIDERAÇÕES PARA DESTERRITORIALIZAR OU PARA MIGRAR, COMO AVES

Precisamos construir um plano, na vida e na arte, no conhecimento e dentro de nós, para que, de frente às crianças, enunciemos e escutemos, em resposta, sobre a vida humana que não se pode acabar, enquadrar, cercar: essa sempre escande os limites e humaniza, apesar dos seres humanos.

Não temos conclusões, mas sim desejos. Desejo de um mundo alargado pelas visões de seres humanos que não creem na ordem discursivamente instituída e que, participantes não crentes, como dizia Bakhtin, podem nos fazer ver com os olhos novos do estranhamento. Olhos de ave migratória, que desrespeita os limites e inunda com a beleza.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Apontamentos dos Anos Quarenta: O homem ao espelho.** São Carlos : Pedro & João Editores, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Tradução: Paulo Bezerra. 5ªed. Rio de Janeiro: Editora

Forense, 2015.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos : Pedro & João Editores, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. 5ª ed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

BEMONG, Nele et al. **Bakhtin e o Cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas**. Tradução Oziris Borges Filho et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DELEUZE, Gilles. **O Ato de Criação**. Disponível em: <http://cristiancess.wordpress.com/2007/09/19/o-ato-de-criacao-por-gilles-deleuze/>. Acesso em: 10 dez. 2009.

GERALDI, João W. & PONZIO, Augusto. Onde o estético e o ético se encontram hoje. In: **Círculo – Rodas de Conversa Bakhtinianas**. São Carlos : Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João W. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LOPES, Jader J. & MELLO, Marisol. **Autorias Infantis: processos intermodais de criação**. In: ARAÚJO, Vania Carvalho de (Org.). **Infâncias e Educação Infantil em foco**. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV. 2017.

LURIA, Alexander. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 1990.

MEDVIÉDEV, Pável N. **O Método Formal nos Estudos Literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo : Contexto, 2012.

MELLO, Marisol. Diferentes lógicas no ensinar e no aprender: por uma pedagogia das ausências In: GARCIA, Regina & ZACCUR, Edwiges. (Orgs.). **Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes**. 1 ed. São Paulo : Editora Cortez, 2008.

MELLO, Marisol. **Entre-lugares das lógicas: alfabetização e pós-colonialismo**. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Novos olhares sobre a alfabetização** 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MIOTELLO, Valdemir. A consciência que se alarga. In: **Palavras e contrapalavras: constituindo o sujeito em alteração**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

PONZIO, Augusto et al. **Fundamentos de Filosofia da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PONZIO, Augusto. **Fuori luogo**. L'esorbitante nella riproduzione dell'identico (1a ed. 2007), Milano: Mimesis, 2013.

PONZIO, Augusto. **A Revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. (1ª reimp). São Paulo: Contexto, 2009.

PONZIO, Augusto. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa e Meneses, Paula (orgs) . **Epistemologias do sul**. S. Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS,

Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências”** revisitado. Porto: Afrontamento, 2003.

VIGOTSKI, Lev S. Obras Escogidas III – **Problemas del desarrollo de la psique**. Moscú: Editorial Pedagógica, 1983.

VIGOTSKI, Lev S. **Quarta aula: a questão do meio na Pedologia**. In: *Psicologia USP*, São Paulo, v.21, nº4, p 681-701. 2010.